

A tautologia do real, o duplo, o trágico e as formas da imaginação

André Martins*

Resumo: O cerne da filosofia de Clément Rosset se encontra em uma tautologia, segundo a qual o que é, é, e o que não é, não é. A é igual a A, e não a B ou a A'. O real é único e, portanto, incontornável. Os objetos são singulares, e por isso mesmo insubstituíveis e finitos. A única forma de se esquivar da necessidade inelutável do real é pelo viés do escape oferecido pela imaginação, por uma recusa mental ao real, que se revela, contudo, sempre inoperante em seu objetivo alucinado de tornar o real inexistente e o inexistente existente. Afinal, toda afirmação do real é trágica, ou não há afirmação. Neste texto buscaremos analisar algumas das implicações psicológicas, mas também epistemológicas e éticas, em jogo nesta questão. Tarefa que demandará a compreensão de alguns dos conceitos e dos paradoxos propostos por Rosset, notadamente a distinção conceitual entre imaginação e imaginário, a adesão a um objeto inexistente como fundamento do duplo, a busca pela diferença que faz obstáculo à experiência singular e única do mesmo, e os expedientes da metafísica e do intelectualismo na recusa do real.

Palavras-chave: Rosset, duplo, trágico, imaginação, tautologia, real

La tautologie du réel, le double, le tragique et les formes de l'imagination

Résumé : Le cœur de la philosophie de Clément Rosset se trouve dans une tautologie selon laquelle ce qui est est, et ce qui n'est pas n'est pas. A é égal à A, et non pas à B ou à A'. Le réel est unique et partant incontournable. Les objets sont singuliers et par là même insubstituables et finis. La seule façon d'esquiver la nécessité inéluctable du réel, c'est par le biais de l'escape offert par l'imagination, par un refus mentale du réel qui néanmoins s'avère inopérant dans son but halluciné de rendre le réel inexistant et de faire exister l'inexistant. Or, toute affirmation du réel est tragique, ou n'est pas affirmation. Dans ce texte, nous analyserons quelques des implications psychologiques, mais aussi épistémologiques et éthiques, de cette tautologie et des tentatives de la récuser. Tâche qui demandera la compréhension de certains des concepts et des paradoxes proposés par Rosset, notamment la distinction entre l'imagination et l'imaginaire, l'adhésion à un objet inexistant comme fondement du double, la quête de la différence qui fait obstacle à l'expérience singulier et unique du même, et les mécanismes de refus du réel mis en œuvre par la métaphysique et l'intellectualisme.

Mots-clés : Rosset, double, tragique, imagination, tautologie, réel.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Realizou seu Doutorado em Filosofia na Université de Nice Sophia Antipolis sob a orientação de Clément Rosset, de 1990 a 1995. Contato: andre.mar@terra.com.br

*A esquiva é sempre um erro:
ela é sempre inoperante pois o real tem sempre razão*¹

1. A tautologia e o duplo

O cerne da filosofia de Clément Rosset, como ele mesmo afirmara em diversos textos², se encontra em uma tautologia, segundo a qual “o que é é, e o que não é, não é”³; em outras palavras, que o real existe e consiste no que existe, é o que há, e o que não existe não tem existência. Notemos que essa ideia ou intuição primordial corresponde ao que Spinoza dissera ao afirmar que não existe uma positividade do falso⁴. Não à toa, Rosset assumira em diversas ocasiões que a filosofia de Spinoza era sua principal inspiração, talvez mais que a de Nietzsche ou a de Schopenhauer, embora ele não tivesse dedicado a ela nenhuma análise em particular, contrariamente aos dois filósofos alemães⁵. Da maneira como Rosset a apresenta, a tautologia pode parecer óbvia e se torna tão evidente que ao longo da publicação de seus livros sua filosofia fora contestada por ser repetitiva. Mas ela não tem nada de óbvio, se a consideramos em relação à história da filosofia, que desde sua origem afirmara o contrário. E certamente será ainda menos óbvia se tomamos como referência o senso comum e a psicologia humana, habituados a denegar a realidade em prol de ilusões e fantasias aparentemente mais suportáveis. Ao contrário de evidente, essa tautologia tem se revelado, isto sim, chocante e inaceitável. O escândalo que um tal pensamento suscita – seja em Spinoza ou em Rosset – se dá por tocar, na imaginação das pessoas, em um ponto crucial: nas supostas conseqüências morais de uma tal constatação da inevitabilidade que reside em aquilo que é, ser: se não existe o falso, como existirá a moral, o bem e o mal? Não é preciso que o mal seja o falso em si, e que o real verdadeiro seja *outra coisa*, outro mundo, outro eu, a ser *corrigido*? Neste texto buscaremos analisar algumas das implicações psicológicas, mas também epistemológicas e éticas, em jogo nesta questão. Tarefa que demandará a compreensão de alguns dos conceitos e dos paradoxos propostos por Rosset, notadamente a distinção conceitual entre imaginação e imaginário, a adesão a um objeto inexistente como fundamento do duplo, a busca pela

¹ *Le réel et son double*, p.125.

² Notadamente em *Le démon de la tautologie*, 1997.

³ Cf. *Principes de sagesse et de folie*, 1991.

⁴ *Ética* II 33 e 35.

⁵ Dedicada a Nietzsche tem-se *La force majeure*, 1983, e a Schopenhauer duas obras (*Schopenhauer, philosophe de l'absurde*, 1967, e *L'esthétique de Schopenhauer*, 1969) reunidas posteriormente em uma única, *Écrits sur Schopenhauer*, 2011.

diferença que faz obstáculo à experiência singular e única do mesmo, e os expedientes da metafísica e do intelectualismo na recusa do real.

Ao longo de sua obra, são numerosos os trechos, tais como o que segue, em que Rosset define o que entende por real:

Chamarei aqui real, como sempre o fiz ao menos implicitamente, tudo o que existe em função do princípio de identidade que enuncia que A é A. Chamo irreal o que não existe segundo esse mesmo princípio: isto é, não somente tudo o que faz ares de existência unicamente sob o modo do imaginário ou da alucinação, mas também e mais precisamente o que parece se beneficiar do privilégio da existência mas se revela ilusório à análise, por não responder rigorosamente ao princípio de identidade: ou seja, todo A que não se resume ao A que ele é, mas conota de algum modo um B que ele poderia ser também, quiçá mais sutilmente um ‘outro’ A [...]⁶

Uma primeira questão trazida pela tautologia do real pode ser a seguinte: Se o real *é*, como é possível não reconhecê-lo, não assumi-lo, não aceitá-lo, e por conseguinte não *afirmá-lo*? Rosset toma de empréstimo à psicanálise o termo que mais frequentemente utiliza para explicar essa aparente primeira contradição, na verdade um primeiro paradoxo. Ora, a única forma de se esquivar da necessidade inelutável do real é pelo viés do escape oferecido pela imaginação, por uma recusa mental ao real, que se revela, contudo, sempre inoperante em seu objetivo alucinado de tornar o real inexistente e o inexistente existente. Afinal, toda afirmação do real é trágica, ou não há afirmação. O real *é*, inexorável, incontornável, necessário – mas a mente humana tem a capacidade, pela imaginação, de *denegá-lo*. Denegação que pode ser definida como a recusa, mais ou menos inconsciente, de reconhecer como seu um fato ou um desejo, no entanto real e presente. Como um segredo de Polichinelo mantido para si mesmo, na forma de um autoengano, mais ou menos enraizado. Poderíamos acrescentar, para sermos mais fiéis aos termos de Rosset, que os mecanismos psíquicos mobilizados para a recusa do real não se resumem à denegação, mas incluem frequentemente uma recusa da própria percepção do real. Num ou noutro caso, Rosset utiliza o termo ‘alucinação’ para descrever as variações do duplo ou da ilusão, pois que ocorre a uma só vez uma não percepção do real e uma percepção (se for possível manter o termo) de algo que não existe, cuja função psíquica é tão só precisamente esquivar-se da percepção do real.

Trata-se aliás para mim da própria definição da ilusão, de jamais se resolver ou se resignar à aplicação estrita do princípio de identidade (e é por isso que penso que a

⁶ *Le démon de la tautologie*, p.11. As traduções dos trechos em francês são minhas.

ilusão é sempre marcada pelo duplo, por uma duplicação alucinatória do único, que constitui precisamente sua ‘duplicidade’).⁷

Há diversas formas de duplicar o um. A unicidade do real implica na unicidade dos objetos, que são sempre singulares, únicos, e é exatamente isso que faz deles passíveis de serem experimentados, mas jamais representados fielmente ou julgados, sobretudo se se considerar que esta cópia expressa a essência do que existe.

2. A singularidade, o mesmo e a diferença

O objeto real é, com efeito, invisível, ou mais exatamente, incognoscível e inapreciável, precisamente na medida em que é *singular*, ou seja, na medida em que nenhuma representação pode sugerir seu conhecimento ou apreciação pelo viés da *réplica*. O real é o que carece de duplo⁸.

Estamos talvez habituados pela filosofia contemporânea a recusar ou mesmo combater o princípio de identidade, o *mesmo*, em prol da diferença. O que Rosset busca nos mostrar é que o *mesmo*, e, portanto, único, sem duplo, é *singular*. Quando Rosset escreve “os charlatões são aqueles que ainda crêem na diferença, que ainda não fizeram a experiência do *mesmo*”⁹, e que se a filosofia tem um combate, “o é contra o charlatanismo”¹⁰ – ao escrever sobre a filosofia do pensador da era romana Luciano (125-192) –, podemos sem dúvida entendê-lo algo como o que se segue. A experiência do *mesmo*, em Rosset, indica a experiência do real, onde tudo é singular e único, tal o próprio real – ou seja, sem duplo. A *diferença* é, sob a crítica rossetiana, antes de tudo, a tentativa de se diferenciar de sua própria singularidade, através, portanto, do duplo. Mobilizar-se pela produção da diferença, se expressaria assim já como uma forma de denegação do real, *em prol da produção de um outro*, e, portanto, um escape.

A crítica de Luciano se volta para filósofos como Sócrates, Platão ou os estóicos, por encontrar nestes o que lhe dá “especial aversão” – e que leva Rosset a adjetivá-los, seguindo o texto de Luciano, como filósofos charlatões: ordem, vontade livre, providência onipotente¹¹. Em resumo, a não experiência do mesmo faz obstáculo à experiência do singular, da unicidade. O desejo ou a suposta necessidade de ordenar a

⁷ Idem.

⁸ *L’objet singulier*, p.15.

⁹ *Lucien: Philosophes à vendre*, p.11. Traduzido neste número da *Trágica*.

¹⁰ *Ibidem*, p.14.

¹¹ *Ibidem*, p.17.

existência, a partir de um duplo ou provocando um duplo, gera uma cisão, uma dissociação psíquica ou mental, uma ilusão psicológica ou, anteriormente e mais profundamente, uma anti-percepção e uma não-percepção, ou seja, uma percepção alucinatória do que não existe.

Um outro exemplo desta análise rossetiana acerca do mesmo se encontra mais diretamente em seu livro *Principes de sagesse et de folie*, dedicado ao famoso fragmento VI do *Poema* de Parmênides, que Rosset traduz da maneira seguinte, detalhando passo a passo suas escolhas de acordo com o texto original grego:

*É preciso dizer e pensar que o que é é,
pois o que existe existe,
e o que não existe não existe:
eu te convido a meditar sobre isso.*¹²

Na sequência, Rosset demonstra o quanto filósofos como Platão, Aristóteles, Kant e Heidegger ou atacaram o poema, ou distorceram sua tradução e sua compreensão pretendendo que ele dissesse o oposto do que diz. Assumir a tautologia do real “é de fato o princípio do qual provêm todas as dificuldades tanto intelectuais quanto afetivas”¹³. Denegar “esta lei sem apelo nem exceção”, que não é outra senão “a lei geral da realidade” na qual “caem todas as pessoas assim que existem e se expõem ao inconveniente de ser”¹⁴, não a evita, e faz obstáculo à fruição do real e sua trágica profunda alegria.

3. A alucinação duplicatória, a adesão ao objeto inexistente e o intelectualismo sobre nada

“Alucinação”, define Rosset, “isto é, a percepção patológica de fatos ou de objetos que não existem”¹⁵. Na duplicação alucinatória – alucinatória, porém, corriqueira –, *imagina-se* um duplo do real, que, portanto, não existe. Nesta operação mental, psíquica e perceptiva, não somente deprecia-se o real, como se o denega: há um não reconhecimento do real, uma recusa mais ou menos inconsciente em percebê-lo ou em reconhecê-lo. Rosset sublinha, no entanto, algo que ocorre de maneira ainda mais

¹² *Principes de sagesse et de folie*, p.7.

¹³ *Ibidem*, p.13.

¹⁴ *Ibidem*, p.12.

¹⁵ « Éclaircissements... sur le double » in *Fantasmagories*, p. 77.

profunda e impressionante: vendo no real o duplo, acredita-se que o ‘verdadeiro real’ não é o único real, mas o ‘outro’, e que este, o único que existe, é falso e, portanto, é o real que é o duplo do real ‘verdadeiro’.

A duplicação do real [...] constitui [...] a estrutura fundamental do discurso metafísico, de Platão aos nossos dias. Segundo esta estrutura metafísica, o real imediato somente é admitido e compreendido à condição de poder ser considerado como a expressão de um outro real, o qual, somente, lhe confere sentido e realidade. Este mundo aqui, que não tem por si mesmo nenhum sentido, recebe sua significação e seu ser de um outro mundo que o duplica, ou antes, *do qual este mundo é somente um enganador duplé*.¹⁶

A recusa do real único, contudo, não leva à apreensão do duplo, de modo que a busca pelo duplo, “ao qual sacrificou-se o único”, afirma Rosset em seu impactante livro *O real e seu duplo*, “é fadada de todo modo ao fracasso, pois que é a busca do ‘nada’ em relação ao qual imagina-se loucamente que o real é o ‘outro’”¹⁷. Sofro não porque eu deveria ser outra coisa, mas por ‘não ser’, por ser uma cópia esvanecida e desbotada de meu suposto eu verdadeiro, que, contudo, não existe.

O que ocorre na corrente alucinação psicológica (e, por conseguinte, epistemológica), por vezes cognitiva, do duplo, é muito mais do que idealizar metas no entanto inalcançáveis, ou valores absolutos, ideais de perfeição, diante dos quais este mundo e nós mesmos parecemos pecadores ou imperfeitos. Mais do que pensar o que eu deveria ser, ou o que o mundo deveria ser, depreciando a mim e a este mundo em sua realidade e unicidade, e desejando ser o que não somos: a operação psíquica do duplo leva a crer que *somos na verdade o outro*, e que o que somos no real único não é verdadeiro, não é real, é uma ilusão. O que vivemos, o mundo, nós mesmos, são ilusões. O verdadeiro mundo é alhures, a verdadeira vida está além, essa vida é falsa, nós somos falsos, e somente nos resta lutar para nos aproximarmos desse outro que verdadeiramente é, para sairmos desse seu duplo em que vivemos acorrentados. Não se trata somente de se esforçar para ser o que supostamente você *deveria* ser; não é apenas que você esteja errado e deve almejar alcançar o certo – é que você é um duplo de um outro que, ele sim, é o verdadeiro você. Segundo o sentimento do duplo, a vida é falsa, faltante, *fake*, e é preciso denunciar sua farsa, em prol... no entanto, de nada... do que não existe. O objeto do duplo é o nada, e precisamente por isso é tão difícil desapegar-se da ilusão, pois ao iludido se lhe contrapor o real não é suficiente. “É por isso que

¹⁶ *Le réel et son double*, p. 55 (grifo nosso)

¹⁷ *Le réel et son double*, p.79-80.

geralmente a crença não é desenraizável: não há objeto a desenraizar. E a mobilização, tão difícil de desmobilizar: não há móbil a arrancar.”¹⁸

Não importa a que objeto se adira, já que ele não existe; e não haverá dificuldade em encontrar tais objetos, uma vez que é numerosa a legião de coisas que não existem.¹⁹

O real é falso ou imperceptível; e o que se vê – daí o termo alucinação – não é o que se percebe, ou o que sequer se chega a perceber. Percebe-se algo não existente por sobre o existente, e caso se mostre que seu objeto não existe, isso em geral não surte efeito precisamente por esse motivo: pouco importa o objeto, pois não é ele que está em questão, mas a crença de que o real que (a princípio) percebo (ou sequer percebo) é falso e de que o verdadeiro real está alhures. O real único não é único, A não é exatamente A, A na verdade falseia B (ou A’), é uma cópia de B, B é o verdadeiro real, de modo que é preciso perceber B no lugar de A.

Lacan, analisa Rosset, é um dos exemplos crassos desta operação: o real, segundo sua conceituação, é inacessível, inalcançável, ontologicamente insuportável, e a ele somente temos acesso através do imaginário ou do simbólico que o recobrem. Para Lacan, “este avatar moderno do hegelianismo – passagem da presença do sentido no concreto, para uma rejeição do sentido em um alhures, em uma ausência” – tal como toda seita religiosa ou crença (como no caso mais caricatural dos UFOs ou dos experimentos dos terraplanistas), escreve Rosset, “o sentido é real, mas ausente”²⁰. “Lacan diz bem o sentido, e se você não compreende nada, é porque o sentido está alhures. Ele mostra bem o objeto, e se você não vê nada, é porque ele falta em seu lugar. Ele designa bem o Outro, e se você não vê ninguém, é que é o outro, justamente, e não aquele que você olha.” A palavra de Lacan – como aquelas dos gurus religiosos – “elucidaria tudo, se um dia se fizesse ouvir”; ela é “o signo velado de um sentido: de um sentido que ele, Lacan, conhece, mas que se reservará de dizer.”²¹ Essa crítica certamente caberia às passagens em que Rosset comenta a filosofia de Heidegger, mas em um certo sentido vale para todo intelectual que, propositalmente ou não, dissocia a linguagem do real e da experiência nos quais se origina.

A aptidão a recusar o real pelo intermédio da linguagem constitui uma faculdade ao mesmo tempo desagradável, pela hipocrisia que aí se encontra anexada,

¹⁸ *Desmobilizar*, p. 112.

¹⁹ *Desmobilizar*, p.112.

²⁰ *Le réel : traité de l'idiotie*, p. 58.

²¹ Idem. Cf. ainda *Le réel et son double*, p.75-79.

conscientemente ou não, e fascinante, por sua surpreendente e soberana eficácia. O homem das palavras é inatacável: ele tem sempre uma palavra para destruir o real que alguém lhe mostra, uma outra palavra para apagar o real emanando de sua própria pessoa. O homem que vive ao abrigo das palavras não recebe nenhuma informação do real que não passe pelo filtro de uma linguagem que o elimine, não emite nenhuma mensagem que não passe pelo mesmo filtro transformando então seu próprio real em algo totalmente outro.”²²

A história da filosofia se revela sob esta ótica como a história de um elaborado aparato de recusa do real, de construção de palavras, teorias e sistemas que indicam *outra coisa*. “Pensar em tudo o que se queira, exceto no que existe: tal é a divisa que me parece guiar todos os filósofos desde Platão até o romantismo de outrora e de hoje”, escreve Rosset em *O regime das paixões*²³. Toda metafísica e toda idealização revela-se assim um fruto da imaginação: a mente imagina, pois que lhe é conveniente, que o que é não é, que o que não é – e, portanto, não se conhece (senão por uma analogia imaginativa, por comparação com o que é considerado como imitação ou cópia imperfeita) – na verdade *é*.

“Quanto a todos que renunciam à partilha da realidade e se contentam com o império do real”, Rosset os considera sábios, apontando “o mais sábio de todos”, na história da filosofia: “Spinoza”²⁴. “Uma tal sabedoria”, prossegue Rosset, “supõe, para ser eficaz, o apoio de uma força extraordinária [...] que eu chamo alegria de viver”, e consiste em “chegar enfim a um acordo entre a faculdade de conhecer e a faculdade de viver”²⁵.

“A escolha da escapatória é indiferente, contanto que responda à única condição [...]: colocar tal ou qual coisa real ‘fora de circuito’, e imaginar que ao mesmo tempo se a coloca fora do estado de causar dano”, afirma Rosset, ainda em *O regime das paixões*²⁶. Fingir não ver, ou acreditar ver outra coisa, é uma maneira mágica, na verdade fantasiosa, de acreditar estar-se anulando os efeitos decorrentes daquilo que se finge não ver. A frase do senso comum “longe dos olhos, longe do coração” assume quotidianamente uma dimensão delirante ou mesmo alucinatória: se não vejo o que, no entanto, se mostra a mim, escapo de seus efeitos nefastos ou indesejados. Quando na realidade não os resolvo, os precipito e provoço seu agravamento – face ao qual, basta, acredita-se, novamente denegar.

²² *Le réel: traité de l'idiotie*, p. 102

²³ *Le réel : traité de l'idiotie*, p.24.

²⁴ « Abrégé de philosophie » in *Le régime des passions*, p. 85.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ *Idem*.

4. A imaginação e o imaginário

Toma-se assim o real como erro, e não o erro cognitivo ou mental – a esquiva do real, mais ou menos inconsciente – como erro. Por isso, tanto em Rosset como em Spinoza por exemplo, o problema da aceitação do real não está na imaginação, que é fonte de criatividade, mas na imaginação que opera segundo o modelo do delírio ou da alucinação. Por isso também, para Rosset, tanto quanto para Nietzsche e para Spinoza, um pensamento da imanência passa necessariamente pela compreensão do funcionamento psíquico, este que se encontra na origem tanto da assunção do real em sua imanência, quanto em sua denegação metafísica e idealista. Em *Ecce Homo* Nietzsche pergunta: “Quem, entre os filósofos, foi *psicólogo*, e não a antítese do psicólogo, ‘charlatão superior’, ‘idealista’?”²⁷ Não há assunção do real que não seja trágica, porque selecionar do real somente aquilo que não desagrada já significa aderir a um duplo. Esta adesão não é teórica, é experiencial, vivencial. A filosofia, quando aceita pensar o que existe, se depara com o trágico; e diante deste, se ela aceita não operar “uma depreciação do objeto sensível”²⁸, terá que aceitar a singularidade dos objetos reais, e pelo mesmo motivo, sua finitude. Não tergiversar com sua própria finitude, é o que caracteriza a experiência filosófica trágica.

Cabe, portanto, diferenciar, na imaginação, seu funcionamento criativo de seu funcionamento delirante e defensivo. Não por acaso, a grande diferenciação proposta pela metafísica se situa entre a razão, e a imaginação; pois desta forma, a imaginação é tomada como sempre fonte de erro, e a razão como dada e evidente, e por isso externa. Mas é antes na capacidade de imaginar que se situa o acerto e o erro, pois que nela se diferenciam dois tipos de associação de imagens. Nos termos de Rosset, uma que pensa, no caso do imaginário e da arte, e outra que não pensa, pois pensa o que não existe, e isso muitas vezes, como na história da filosofia, sob um discurso aparentemente racional – mas que se revela finalmente uma sofisticada manobra intelectual de adesão e crença em um duplo do real. Observe-se que a arte, em Rosset, se conjuga com o real, o modifica e enriquece, e não se choca com a razão, enquanto que para as diversas metafísicas ou esta é vista como existindo a serviço da pretensa razão, ou é depreciada.

²⁷ *Ecce Homo*, “Por que sou um destino”, §6, p.371.

²⁸ *Le réel et son Double*, p.59.

Em seu livro *Fantasmagories*, de 2006, retomando textos antigos em seu anexo, Rosset retoma a diferenciação que propõe entre o *imaginário* e o *ilusório*²⁹: “o imaginário é um dos modos de apreensão do real, enquanto o ilusório é o modo por excelência de denegação do real”³⁰. O imaginário é um produto da imaginação, mas não se opõe à realidade; ao contrário, faz parte da criatividade e se adéqua ao real, enriquecendo-o. “O que se opõe ao real não é de modo algum o imaginário, mas o ilusório”³¹. Nas inúmeras passagens em que Rosset se refere à imaginação como provocando ou ao serviço da ilusão – ao ponto de contrapor a imaginação à aceitação do real –, trata-se sempre desta como forma de recusa do real. Imagina-se o que não existe como consequência da incapacidade mais ou menos inconsciente de se perceber o que desagrada, aquilo que se teme, a partir de uma idealização arraigada, do medo do sofrimento, a uma rejeição do caráter trágico e casual do real, à sua unicidade e, por conseguinte, à sua não submissão ao controle ou a uma plena previsibilidade. A imaginação, escreve Rosset, designa, assim, menos o caráter real de algo, do que o sentimento (imaginado, idealizado) de que o objeto é outro que não aquele que ele é³². Já o imaginário, não constitui uma ofensa ao real, não se contrapõe a ele, não o substitui, nem se opõe à razão. Na arte, por exemplo, escreve Rosset, “é sempre do mesmo real que se trata, mas se produzindo sobre uma cena inabitual que configura um tipo de espaço protegido: a entender aí não um lugar de escape ao real, mas ao contrário”³³. Em resumo, enquanto a imaginação no caso do imaginário interage com o real e o enriquece, a imaginação no caso do ilusório, da ilusão, “consiste no repúdio de toda realidade tangível”, configurando na verdade “a imaginação de nenhuma realidade”, o que descreve a natureza da ilusão: imaginar o que não existe, em detrimento do que existe.

²⁹ Impossível não lembrar da diferença proposta por Spinoza em seu *Tratado da Reforma do Intelecto* (§ 58 a 66) entre a ficção, que não se opõe à razão, e a ideia falsa, que consiste na ideia fictícia à qual a mente adere – de modo que a imaginação não é o que a torna falsa, mas “o erro da mente” que consiste em dar seu consentimento (*assensum*) de (suposta) verdade a uma ficção. A esse respeito, cf. Martins, A. “A primeira ideia verdadeira no TIE”, *Trágica: Estudos de filosofia da imanência*, v.10, n.3, 2017.

³⁰ “Le réel, l’imaginaire et l’illusoire” in *Fantasmagorie*, p. 86.

³¹ “L’imaginaire” in *Fantasmagories*, p.107.

³² Cf. “Mémoire et imagination” in *Fantasmagories*, p. 93.

³³ “L’imaginaire” in *Fantasmagories*, p.105.

5. Imanência e afirmação da existência do que existe

Assim como a filosofia de Nietzsche, e em grande parte nela inspirado, a de Clément Rosset é uma filosofia da afirmação do trágico da vida, e assim, e somente assim, uma afirmação da vida – e não uma pretensa afirmação de uma vida imaginada (passada, presente ou futura) porém não existente. A afirmação da vida implica necessariamente a afirmação de seu caráter trágico, caso contrário o que se estaria afirmando não seria a vida, mas uma sua idealização, uma ideia idealizada de vida, um duplo do real. A afirmação da vida, portanto, implica seu caráter trágico, e consiste na afirmação do real em sua singularidade e unicidade, preenchido com objetos singulares reais.

A vida é plena de revezes, entre eles as fraquezas físicas e psíquicas, os adoecimentos, a solidão, a baixa auto-estima, as perdas de entes queridos e de objetos que nos eram amáveis ou úteis e aos quais nos apegamos, muitas vezes que costumamos a conquistar. Mas as dores sentidas em geral são agravadas por expectativas, idealizações, projeções, pensamentos e julgamentos ligados a questões do que se julga justo ou injusto, gerando ou reforçando afetos reativos e sentimentos de fracasso. Por motivos os mais diversos, segundo sempre, no entanto, afetos e pensamentos, as pessoas reagem com amor passional ou ódio em relação às demais, com ações que podem chegar às vias da perversão e da atrocidade. Certamente as piores maldades humanas encontram, na mente de seu executor ou partícipe, uma explicação que parece a seu executor ser justa, contra aqueles que de algum modo supostamente merecem recebê-las. O mal é sempre a própria busca de um duplo supostamente melhor do real, ou a revolta face a sua impossibilidade. Um duplo do duplo, dissociando-se cada vez mais do único, não impede o sofrimento por ele provocado, mas o perpetua e agrava. Provoca-se assim um ciclo de passionalidade que tende a acirrar a sensação geral de confirmação da tristeza e do sofrimento inerentes à vida, ao real. O que está na origem do sofrimento e da maldade, no entanto, é a dor, esta sim inevitável, pois que é antes de mais nada o que sentimos quando nos sentimos impotentes ou contrariados. Fica claro, então, que afirmar a existência e inevitabilidade da dor não significa resignar-se ao sofrimento, mas, sim, não agravá-lo com fugas mentais, psicológicas ou perceptivas, e negações, denegações, recusas, daquilo no real que desagrada, por meio de uma mobilização de combate a supostos culpados pela existência da dor e da solidão, seja no mundo ou na vida pessoal. Ao contrário, da afirmação do real uma alegria, uma alegria trágica, um

entusiasmo e não uma euforia, uma alegria vinda da própria existência, da própria potência de vida do real. O desejo de verdade, por detrás da concepção de uma vontade livre, pode-se dizer com Nietzsche, é o desejo de encontrar culpado, e a metafísica fora antes de tudo uma tentativa de “corrigir a existência”³⁴. Por isso a assunção do acaso e do caráter sem sentido da existência pode ser libertador: sem mais desejar consertar a existência ou controlá-la, a imaginação e a razão estão liberadas para encontrar soluções reais e interações criativas e efetivas para a fruição possível do único real que existe, seja individual, seja, dentro do possível, coletiva.

Referências bibliográficas

MARTINS, André. (1996) Ética e ontologia a partir de Clément Rosset. *Trama*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ, p. 83-95.

_____. (2002) Imagem individual e imanência em Clément Rosset. *Ethica*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UGF, nº 9.

_____. (2017) “A primeira ideia verdadeira no TIE”, *Trágica: Estudos de filosofia da imanência*, v.10, nº 3.

NIETZSCHE, Friedrich. (1992/1871) *O Nascimento da tragédia*. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1888) *Ecce Homo. Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. G. Colli & M. Montinari. Berlin: Walter de Gruyter, v. 6, 1999.

ROSSET, Clément. (1965) *Lucien: Philosophes à vendre*. Paris, Jean-Jacques Pauvert.

_____. (1967) *Schopenhauer, philosophe de l'absurde*. Paris, PUF.

_____. (1969) *L'esthétique de Schopenhauer*. Paris, PUF.

_____. (1984/1976) *Le réel et son double*. Paris, Gallimard.

_____. (1986/1977) *Le réel: traité de l'idiotie*. Paris, Minuit.

_____. (2013/1978) “Desmobilizar”. Trad. Rogério de Almeida e Luiz Antonio Callegari Coppi. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 9, nº 3, 2016.

_____. (1979) *L'objet singulier*. Paris, Minuit.

³⁴ Nietzsche, F. *O Nascimento da tragédia*, §13, p.85.

_____. (1983) *La force majeure*. Paris, Ed. Minuit.

_____. (1991) *Principes de sagesse et de folie*. Paris, Ed. Minuit.

_____. (1997) *Le démon de la tautologie*. Paris, Minuit.

_____. (2001) *Le régime des passions*.

_____. (2006) *Fantasmagories*. Paris, Minuit.

_____. (2011) *Écrits sur Schopenhauer*.

SPINOZA, Benedictus de. (2015/1661) *Tratado da Emenda do Intelecto*. Trad. Cristiano Novaes de Rezende. Campinas: Ed. Unicamp.

_____. (2007/1675) *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido em 29/11/2018

Aprovado em 25/04/2019